

SAMPAIO, Helena. *Ensino Superior no Brasil – o setor privado*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2000 (col. Estudos Brasileiros/34).

SETOR PÚBLICO E SETOR PRIVADO: COMPLEMENTARES NOS SISTEMAS DE ENSINO SUPERIOR DO BRASIL?

*José Rubens Lima Jardimino**

Depois da edição da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e de sua respectiva acomodação no cenário nacional, no que diz respeito aos temas candentes que ela suscitou, parece ser o Ensino Superior¹ o que mais tem merecido atenção em pesquisas e debates. O problema da formação para o magistério em cursos superiores – as licenciaturas; a inserção dos cursos superiores de pequena duração – os seqüenciais; as questões da demanda e da oferta e da “mercantilização” do ensino, com a enorme ascensão do setor privado na década de 90; a discussão sobre a qualidade e a avaliação são questões levantadas no dia-a-dia das investigações e pesquisas nos cursos de pós-graduação e na produção editorial relevante, o que nos obriga a uma vertiginosa agilidade de leitura se desejarmos nos manter atualizados sobre a temática.

O mercado editorial sobre o tema está aquecido. Os cadernos especializa-

dos dos jornais publicam, em efusão, resenhas críticas em torno de obras que destacam a questão. Afrânio Catani, no jornal de resenhas da *Folha de S. Paulo* de outubro/2000, oferece uma trilha de leitura dessa temática com um variado cardápio de análise. Destaca-se, entre eles, o texto da professora Sampaio, recém- publicado, e que ora é objeto desta resenha.

O trabalho da professora Sampaio está inserido no quadro teórico das pesquisas realizadas pelo NUPES – Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior, da Universidade de São Paulo. O material publicado tem origem em sua tese de doutoramento, que reúne dados de fontes de pesquisas do núcleo, das quais a pesquisadora participou, no período de 1993 a 1997. Conforme a autora,

apesar de diversas e com pesos desiguais, é necessário estabelecer uma

*Professor do Programa de Mestrado em Educação, Diretor do Departamento de Educação do Centro Universitário Nove de Julho e Editor de *EccoS*.

¹Além do texto que ora resenhamos, destacamos algumas obras de referência sobre a temáticas: Silva Jr, J.R. & Sguissardi, W. *Novas faces da Educação Superior no Brasil – reforma do estado e mudança na produção*; Meneses, Luis Carlos. *Universidade sitiada – a ameaça da liquidação da universidade brasileira*; Sguissardi, W. (org). *Educação superior – velhos e novos desafios*; Educação & Sociedade. *Revista Quadrimestral de Ciências da Educação*/ 68, CEDES, número especial.

hierarquia das fontes utilizadas, destacando-se: uma pesquisa sobre jovens universitários; outras nos estabelecimentos particulares de ensino superior; e um levantamento de séries estatísticas oficiais sobre a evolução do sistema nacional de ensino superior e sua análise. (31)

Sampaio se debruça na análise dos dados, seguindo um modelo “caleidoscópico”², como ela própria denomina. Faz uma apurada análise do setor privado de ensino superior no Brasil, tecendo as articulações entre esse sistema de ensino e as suas relações com o Estado normatizador e parceiro [definido pela autora como *modelador, regulamentador e fiscalizador*] e com o mercado. Com acuidade de pesquisadora experiente, rastreia as questões políticas, a trajetória de atores e instituições que, historicamente, vêm compondo o quadro de ascensão do setor privado na educação superior brasileira; analisa a tendência do setor, por meio da ponta mais interessada – o aluno/cliente-, discutindo a questão da oferta, a busca da qualidade e o problema da avaliação implementada pelos órgãos governamentais.

Neste particular, cabe ressaltar o anexo *depoimentos* que, na obra, não tem uma função definida para o leitor: primeiro, porque as alusões a ele no corpo do livro são quase inexistentes; segundo, porque a amostragem que a

pesquisadora põe à disposição do leitor, em sua maior parte, refere-se aos estudantes das universidades públicas ou semipúblicas, apresentado justamente no final de um capítulo que pretende traçar um perfil do estudante do setor privado.

Ao adotar como quadro de referência teórica as tipologias de análise oferecidas por Daniel Lévy e Roger Geiser [*periféric private sector / mass private sector*], a autora apresenta sua pesquisa na tentativa de provar que os sistemas público e privado de Ensino Superior no Brasil são complementares entre si e/ou desempenham papéis de complementaridade, expondo, com absoluta clareza, o mapeamento da questão, servindo-se de alguns exemplos dos modelos europeu, japonês e americano.

Afirma a autora:

nos estudos comparativos, a preocupação é desvendar dinâmicas gerais entre o público e o privado e, a partir delas, chegar a padrões de setor privado ou de desenvolvimento do ensino privado que sejam comuns a diferentes sistemas nacionais. Quando Geiser se refere a ‘setor privado de massa’ ou Lévy a ‘setor privado de atendimento ao mercado’, supõem que os setores público e privado estejam desempenhando

²Assim se refere Sampaio: “uma imagem freqüente durante a elaboração deste trabalho foi a do caleidoscópio. Ao selecionar e analisar os dados, propor questões e interpretações, tive a constante sensação de estar construindo para logo depois desconstruir o setor privado, o objeto de estudo” (26). Como disse Catani, em seu resumo à Folha de S.Paulo, “é legítimo pensar que também poderíamos recompor sua análise a partir do mesmo material utilizado”.

papéis complementares ao sistema. (p. 23)

Embora mostre as divergências entre esses sistemas e sua heterogeneidade no Brasil, Sampaio conclui que o escopo dessas tipologias serve para compreender o fenômeno nacional e finaliza indicando que

a relação do setor privado com o mercado é parte da dinâmica [o que particularmente chamaria de dicotomia] público/privado que logrou instalar-se ao longo do desenvolvimento do ensino superior brasileiro. Não haveria dúvidas em enquadrar o setor privado brasileiro na categoria ‘mass private sector’, segundo Gaiser para esse padrão de ensino privado. (p. 25)

Ao apontar essa relação de complementaridade e heterogeneidade no Ensino Superior no Brasil, a análise da professora Sampaio, embora suscite muitas discussões, ainda não responde ao grande paradoxo que foi estabelecido e vem aumentando cada dia mais o fosso que a dicotomia público e privado criou, a saber: uma universidade de pesquisa e outra de ensino que, dissociadas, rompem a unicidade daquilo que chamamos de fazer educacional – o tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. Aceitar o sistema baseado nos dois pólos – o

Mass Private Sector e um setor público para carreiras de elite – significa colaborar fortemente para a solidificação de uma reforma do Estado neoliberal que penaliza a Universidade brasileira e mutila a formação de pesquisadores, acirrando, assim, a distância entre as classes sociais e, conseqüentemente, a injusta distribuição de renda neste país.

Outra questão interessante, apontada na pesquisa de Sampaio, diz respeito à equidade do sistema. Segundo suas fontes, os estudantes não estão segmentados por setor, em função de sua condição socioeconômica. Afirma a autora:

tanto no setor público como no privado, a clientela está segmentada em função das carreiras, dos turnos em que as aulas são ministradas, da localização regional e geográfica dos estabelecimentos, das anuidades cobradas e das exigências e facilidades acadêmicas que cada curso representa. (p. 381)

Concordamos plenamente com a professora Sampaio que a questão da equidade não passa pelo fim da gratuidade do ensino público, embora ela represente alguma economia para um Estado privatizador e “moderno” como o nosso e seja almejada. Na verdade,

o fim da gratuidade tende a distorcer ainda mais a realidade educacional brasileira. Por outro lado, assumimos a dificuldade de defender essa tese fundamentada no problema da segmentação socioeconômica analisada no trabalho de Sampaio. Os itens propostos no trabalho – opção de carreiras, turnos de ministração de aulas, localização regional e geográfica do estabelecimento (p. 381) –, mais do que excluir, afirmam o caráter eminentemente socioeconômico dos estudantes universitários, ao apresentarem as únicas alternativas dos estudantes pobres e trabalhadores.

Esses índices retratam ainda mais a grande inversão existente entre o tipo de formação nos níveis de ensino fundamental e médio e no nível superior: a elite, formada na escola privada em nível médio, dirige-se à universidade pública, enquanto as

classes menos favorecidas estudam nos níveis fundamental e médio da escola pública. Assim, a única possibilidade de ingressar na universidade é a apresentada pelo setor privado.

Essas e outras questões que o texto levanta justificam as razões pelas quais a pesquisa da Professora Sampaio se coloca como referência, ao lado de outros, na discussão sobre o Ensino Superior no Brasil. Reconhecemos a iniciativa da autora ao se dedicar a essa pesquisa, exclusivamente no setor privado, fugindo da caricatura corporati-vista que, muitas vezes, vem acompanhando as análises do tema.

Recomendado pelas fontes a que a pesquisadora teve acesso, pelo *locus* de onde se origina a pesquisa e pelo trabalho metuculoso de análise dos dados recolhidos pela pesquisadora, o texto da Professora Sampaio deve ser pauta